

Esta história é trazida a você por Ririro.com/pt gratuitamente. A nossa missão é oferecer a todas as crianças do mundo acesso grátis a uma variedade de histórias. As histórias podem ser lidas, baixadas e impressas on-line e abrangem uma ampla variedade de tópicos, incluindo animais, fantasia, ciência, história, culturas diversas e muito mais.

Apoie a nossa missão compartilhando o nosso site. Desejamos-lhe muita leitura divertida!



Ririro

A IMAGINAÇÃO É MAIS IMPORTANTE QUE O CONHECIMENTO

Ririro

Jornada de Rosy

Rosy era uma garotinha simpática que morava com a mãe em uma casinha na floresta. Elas eram muito pobres, pois o pai havia saído para garimpar ouro e não voltou; então elas tiveram que trabalhar duro para conseguir comida para comer e roupas para vestir. A mãe contava histórias quando podia, pois muitas vezes ficava doente, e Rosy fazia tudo o que podia para ajudar. Ela ordenhou a vaca vermelha e alimentou as galinhas; cavou o jardim e foi para a cidade vender o fio e os ovos.

Ela era muito boa e doce, e todos a amavam; mas os vizinhos eram todos pobres e pouco podiam fazer para ajudar a criança. Então, quando finalmente a mãe morreu, a vaca, as galinhas e a casa tiveram que ser vendidas para pagar o médico e as dívidas. Então Rosy ficou sozinha, sem mãe, sem casa e sem dinheiro para comprar roupas e jantar.

"O que você vai fazer?" disseram as pessoas, que estavam com muita pena dela.

"Eu irei procurar meu pai," respondeu Rosy, bravamente. "Mas ele está longe e você não sabe exatamente onde ele está, lá no meio das montanhas. Fique com a gente e gire a sua rodinha, nós compraremos a lã e cuidaremos de você, querida menininha", disseram as simpáticas pessoas.

“Não, devo ir; pois mamãe me disse para fazer isso, e meu pai ficará feliz em me receber. Não tenho medo, pois todos são bons para mim”, disse Rosy, agradecida. Então o povo deu a ela uma capa vermelha quente e uma cesta com um pouco de pão e uma garrafa de leite e alguns centavos para comprar mais para comer quando o pão acabasse. Todos a beijaram e lhe desejaram boa sorte; e ela saiu trotando pela floresta para encontrar seu pai.

Por alguns dias ela se deu muito bem; pois os lenhadores eram gentis e a deixavam dormir em suas cabanas e davam-lhe coisas para comer. Mas aos poucos ela chegou a lugares solitários, onde não havia casas; e então ela estava com medo, e costumava subir nas árvores para dormir, e tinha que comer frutas e folhas, como as crianças na floresta.

Ela fazia uma fogueira à noite, para que as feras não se aproximassem dela; e se ela conhecesse outros viajantes, ela era tão jovem e inocente que ninguém teria coragem de machucá-la. Ela era gentil com tudo que encontrava; então todas as criaturinhas eram amigas dela, como veremos.

Um dia, enquanto descansava à beira de um rio, ela viu um peixinho na margem, quase morto por falta de água. “Pobre peixinho! Vá e seja feliz de novo”, disse ela, pegando-o suavemente e jogando-o no rio fresco e agradável.

“Obrigado, querida criança. Não vou esquecer, mas vou te ajudar algum dia”, disse o peixe, depois de tomar um bom gole de ar e sentir-se melhor.

“Como um peixinho pode ajudar?” riu Rosy.

“Espere para ver”, respondeu o peixe, enquanto nadava para longe com um movimento de sua pequena cauda. Rosy seguiu seu caminho e esqueceu tudo o que aconteceu. Mas ela nunca se esqueceu de ser gentil; e logo depois, enquanto procurava morangos na grama, ela encontrou uma rata do campo com uma perna quebrada.

“Ajude-me a chegar ao meu ninho, ou meus bebês morrerão de fome”, gritou a pobrezinha.

“Sim, eu vou; e traga essas bagas para que você possa ficar quieta até que sua perna melhore e tenha algo para comer.”

Rosy pegou a ratinha com cuidado em sua mãozinha e amarrou a perna quebrada com uma folha de hortelã e uma folha de grama. Então ela a carregou até o ninho sob as raízes de uma velha árvore, onde quatro filhotes de camundongos choravam tristemente por sua mãe. Ela fez uma cama de penugem de cardo para a rata machucada, colocou ao seu alcance todas as bagas e sementes que pôde encontrar, e trouxe um copo de bolota com água da fonte, para que eles pudessem se sentir confortáveis.

“Obrigada, garotinha. Um dia eu vou pagar por toda essa gentileza”, disse a ratinha quando ela terminou.

“Receio que você não seja grande o suficiente para fazer muita coisa”, respondeu Rosy enquanto corria para sua jornada.

“Espere e veja”, disse a rata; e todos os pequeninos guincharam, como se dissessem o mesmo.

Algum tempo depois, enquanto Rosy estava deitada em uma árvore, esperando o sol nascer, ela ouviu um grande zumbido por perto e viu uma mosca presa em uma teia

de aranha que ia de um galho a outro. A grande aranha estava tentando girá-lo todo, e a pobre mosca estava lutando para fugir antes que suas pernas e asas estivessem indefesas.

Rosy ergueu o dedo e puxou a teia para baixo, e a aranha fugiu imediatamente para se esconder sob as folhas. Mas a mosca feliz pousou na mão de Rosy, limpando as asas e zumbindo tão alto de alegria que soou como uma pequena trombeta.

"Você salvou minha vida, e eu salvarei a sua, se puder," disse a mosca, piscando seus olhos brilhantes para Rosy.

"Sua tolinha, você não pode me ajudar", respondeu Rosy, descendo, enquanto a mosca zumbia para longe, dizendo, como a rata e o peixe:

"Espere e veja; espere e veja."

Rosy caminhou sem parar, até que finalmente chegou ao mar. As montanhas estavam do outro lado; mas como ela deveria atravessar a vasta água? Não havia navios lá, e ela não tinha dinheiro para alugar um, se houvesse algum; então ela se sentou na praia, muito cansada e triste, e chorou algumas grandes lágrimas salgadas como o mar.

"Olá!" chamou uma espécie de voz borbulhante por perto; e o peixe apareceu sobre a água.

Rosy correu para ver o que ele queria.

"Vim ajudá-la a atravessar", disse o peixe.

"Como você poderia, quando eu quero um navio e alguém para me mostrar o caminho?" perguntou Rosy.

"Vou simplesmente chamar minha amiga baleia, e ela navegará melhor do que um navio, porque não vai

naufragar. Não se importe se ela falar e falar muito, ela estará apenas brincando; então não tenha medo.”

O peixinho mergulhou e Rosy esperou para ver o que aconteceria; pois ela não acreditava que uma coisa tão pequena pudesse realmente trazer uma baleia para ajudá-la.

Então o que parecia uma pequena ilha veio flutuando no mar; e virando-se, de modo que sua cauda tocou a costa, a baleia disse, com uma voz estrondosa que a fez pular: “Suba a bordo, garotinha, e segure firme. Vou levar você para onde quiser.”

Era uma ponte bastante escorregadia, e Rosy estava bastante assustada com aquele barco grande e estranho; mas ela passou com segurança e segurou firme; então, com um mergulho, a baleia partiu, jorrando duas fontes, enquanto sua cauda a guiava como o leme de um navio. Rosy gostou e olhou para o fundo do mar, onde todos os tipos de coisas estranhas e adoráveis podiam ser vistas. Grandes peixes vieram e olharam para ela; golfinhos brincavam perto dela para diverti-la; o lindo nautilus passou navegando em seu barco transparente; e os botos a faziam rir com suas brincadeiras rudes. As sereias traziam-lhe pérolas e coral vermelho para vestir, maçãs do mar para comer e à noite cantavam para ela dormir com suas doces canções de ninar.

Então ela fez uma viagem muito agradável e correu para a praia com muitos agradecimentos à boa baleia, que deu um esplêndido salto e nadou para longe.

Então Rosy viajou até chegar a um deserto. Centenas de quilômetros de areia quente, sem árvores, riachos ou casas.

“Eu não posso ir por esse caminho”, disse ela; “Eu morrerei de fome e logo estarei exausta caminhando naquela areia quente. O que devo fazer?”

“Espere e veja”, disse uma voz amigável; e lá estava a ratinha, olhando para ela com seus olhos brilhantes cheios de gratidão.

“Ora, sua querida coisinha, estou muito feliz em vê-la; mas tenho certeza de que você não pode me ajudar a atravessar este deserto”, disse Rosy, acariciando suas costas macias.

“É bem fácil”, respondeu a ratinha, esfregando as patas com força. “Vou chamar meu amigo leão; ele mora aqui e levará você com prazer.”

“Oh, temo que ele prefira me comer. Como ousa chamar aquela fera feroz?” exclamou Rosy, muito surpresa.

“Eu o arranquei de uma rede uma vez, e ele prometeu me ajudar. Ele é um animal nobre e manterá sua palavra.”

Em um momento, um rugido alto foi ouvido, e um esplêndido leão amarelo, com olhos de fogo e uma longa juba, veio saltando sobre a areia para encontrá-las.

“O que posso fazer por você, amiguinha?” ele disse, olhando para a rata do campo, que não estava nem um pouco assustada, embora Rosy se escondesse atrás de uma pedra, esperando ser comida a qualquer momento. Então a ratinha explicou a ele, e o bom leão disse:

“Vou levar a criança junto. Vamos, minha querida; sente-se nas minhas costas e segure firme na minha crina, pois sou veloz e você pode cair.”

Então ele se agachou como um grande gato, e Rosy subiu, pois ele era tão gentil que ela não podia temê-lo;

e lá foram eles, correndo pela areia até o cabelo dela assobiar ao vento. Assim que recuperou o fôlego, achou muito divertido sair voando, enquanto outros leões e tigres reviravam seus olhos ferozes para ela, mas não ousavam tocá-la; pois este leão era o rei de todos, e ela estava bastante segura. Eles encontraram um comboio de camelos com cargas nas costas; e as pessoas que viajavam com eles se perguntavam que coisa estranha estava montando aquele belo leão. Parecia um macaco muito grande com uma capa vermelha, mas andava tão rápido que eles nem perceberam que era uma garotinha. “Como estou feliz por ter sido gentil com a rata; pois se a boa criaturinha não tivesse me ajudado, eu nunca poderia ter atravessado este deserto”, disse Rosy, enquanto o leão caminhava um pouco para descansar. “E se a rata não tivesse me arrancado da rede, eu nunca teria atendido o chamado dela. Veja bem, os pequenos podem conquistar os grandes e torná-los gentis e amigáveis pela bondade”, respondeu o leão. Então eles partiram novamente, mais rápido do que nunca, até chegarem ao país verde. Rosy agradeceu ao bom animal e ele voltou correndo; pois se alguém o visse, tentariam pegá-lo.

“Agora só preciso escalar estas montanhas e encontrar meu pai”, pensou Rosy, ao ver as grandes colinas à sua frente, com muitas estradas íngremes que serpenteavam até o topo; e muito, muito longe subia a fumaça das cabanas onde os homens viviam e cavavam em busca de ouro. Ela começou bravamente, mas pegou a estrada errada e, depois de subir um longo tempo, encontrou o caminho que terminava em rochas pelas quais ela não

podia passar. Ela estava muito cansada e com fome; pois sua comida havia acabado e não havia casas neste lugar selvagem. A noite estava chegando e estava tão frio que ela teve medo de congelar antes do amanhecer, mas não ousou continuar, com medo de cair em algum buraco íngreme e ser morta. Muito desanimada, deitou-se no musgo e chorou um pouco; então ela tentou dormir, mas algo zumbia em seu ouvido e, olhando com atenção, ela viu uma mosca saltitando no musgo, como se quisesse fazê-la ouvir sua música: "Espere e veja ...". Era aquela mosca!

Rosy ficou muito feliz em vê-la e ouvir sua alegre canção, então ela estendeu o dedo e, enquanto ela



estava sentada, contou-lhe todos os seus problemas.

"Abençoe seu coração! Minha amiga, a águia, irá carregá-la até as montanhas e deixá-la na porta de seu pai. Vou chamá-la." gritou a mosca; e ela partiu com um flerte de suas asas diáfanas, pois ela foi fazer o que disse.

Rosy estava pronta para sua nova montaria, e não tinha medo da baleia e do leão; então, quando uma grande águia mergulhou e pousou perto dela, ela apenas olhou para suas garras afiadas, olhos grandes e bico torto tão friamente como se ela fosse um galo.

A águia gostou da coragem dela e disse gentilmente em sua voz áspera:

“Levante-se, garotinha, e sente-se entre minhas penas. Segure-me pelo pescoço, ou você pode ficar tonta e cair.”

Rosy aninhou-se entre as grossas penas cinzentas e pôs os dois braços em volta do pescoço dela; e elas subiam, subiam, subiam, cada vez mais alto, até que as árvores parecessem grama. A princípio estava muito frio, e Rosy se aninhou ainda mais em seu colchão de penas; então, quando se aproximaram do sol, ficou quente, e ela espiou para ver as cabanas em um ponto verde no topo da montanha.

"Aqui estamos. Você descobrirá que todos os homens estão na mina neste momento. Eles não vão subir até de manhã; então você terá que esperar por seu pai. Adeus; boa sorte, minha querida." E a águia voou, ainda mais alto, para seu ninho entre as nuvens.

Já era noite, mas o fogo ardia em todas as casas; então Rosy foi de cabana em cabana tentando encontrar o pai, para que ela pudesse descansar enquanto esperava: finalmente, em uma delas, a foto de uma linda garotinha pendurada na parede, e embaixo dela estava escrito: "Minha Rosy". Então ela soube que aquele era o lugar certo; e ela comeu um pouco, colocou mais lenha e foi para a cama, pois queria estar descansada quando seu pai chegasse pela manhã.

Enquanto ela dormia, caiu uma tempestade, trovões e relâmpagos brilharam, o vento soprou forte e a chuva caiu, mas Rosy não acordou até o amanhecer, quando ouviu homens gritando do lado de fora:

"Corram corram! O rio está subindo! Vamos todos morrer afogados!"

Rosy correu para ver o que estava acontecendo, embora o vento quase a levasse embora; ela descobriu que tanta chuva fez o rio transbordar até que começou a lavar as margens.

"O que devo fazer? o que devo fazer?" exclamou Rosy, observando os homens correrem como formigas, preparando seus sacos de ouro para serem carregados antes que a água os arrastasse, caso se tornasse uma inundação.

Como se em resposta ao seu grito, Rosy ouviu uma voz dizer por perto, - "Espere e veja."

E lá na água estavam os peixinhos nadando, enquanto um exército de castores começou a amontoar terra e pedras em uma margem alta para manter o rio afastado. E como eles trabalhavam, cavando e amontoando com dentes e garras, e batendo na terra com suas caudas como pás!

Rosy e os homens os observaram trabalhar, felizes por estarem seguros, enquanto a tempestade se acalmava; e quando a represa foi construída, todo o perigo havia passado. Rosy olhou para os rostos dos homens rudes, esperando que seu pai estivesse lá, e estava prestes a perguntar sobre ele, quando uma grande gritaria se ergueu novamente, e todos começaram a correr dizendo: "Desabamento! Nossos pobres companheiros serão sufocados! Como podemos tirá-los? como podemos tirá-los?"

Rosy correu também, sentindo como se seu coração fosse partir; pois seu pai estava na mina e morreria logo

se o ar não viesse até ele. Os homens cavaram o máximo que puderam; mas era um trabalho longo e eles temiam não chegar a tempo.

De repente, centenas de toupeiras vieram correndo e começaram a cavar, fazendo muitos buracos para o ar entrar; pois eles sabem como construir galerias através do solo melhor do que os homens. Todos ficaram tão surpresos que pararam para olhar; pois a sujeira voou como chuva enquanto os pequenos companheiros ocupados arranhavam e cavavam como se estivessem fazendo uma ferrovia subterrânea.

"O que isso significa?" disseram os homens. "Eles trabalham mais rápido do que nós, e melhor; mas quem os enviou? Essa garotinha estranha é uma fada?". Antes que Rosy pudesse falar, todos ouviram uma vozinha estridente cantando: "espere e veja".

Então todos viram uma ratinha sentada em uma pedra, balançando o rabo e apontando com a patinha para mostrar às toupeiras onde cavar.

Os homens riram; e Rosy estava contando a eles quem ela era, quando um grito veio da cova, e eles viram que o caminho estava livre para que pudessem puxar os homens enterrados para cima. Em um minuto eles conseguiram cordas, e logo tinham dez pobres companheiros seguros no chão; pálidos e sujos, mas todos vivos, e todos gritando como se fossem loucos, - "Tom conseguiu! Tom conseguiu! Viva o Tom!"

"O que é?" gritaram os outros; e então eles viram Tom aparecer com o maior pedaço de ouro já encontrado nas montanhas.

Todos ficaram felizes com a sorte de Tom; pois ele era um bom homem, e havia trabalhado por muito tempo, e estava doente, e não podia voltar para sua esposa e filha. Quando ele viu Rosy, ele largou o ouro e a pegou, dizendo:

“Minha menininha! Ela vale mais do que um milhão de libras de ouro.”

Então Rosy ficou muito feliz e voltou para a cabana, e se divertiu muito contando a seu pai tudo sobre seus problemas e suas viagens. Ele chorou quando soube que a pobre mãe estava morta antes que ela pudesse ter qualquer uma das coisas boas que o ouro compraria para eles. “Vamos embora e seremos felizes juntos no lar mais agradável que puder encontrar, e nunca mais nos separaremos, minha querida”, disse o pai, beijando Rosy enquanto ela se sentava em seu joelho com os braços em volta de seu pescoço.

Ela ia dizer algo muito doce para confortá-lo, quando uma mosca pousou em seu braço e zumbiu muito alto: “espere para ver”.

“Você tem que sair agora. Os outros homens tentarão pegar seu ouro. Eu sei onde você pode ir e ficar seguro”, disse a mosca.

Então eles seguiram a mosca até um recanto tranquilo na floresta; e lá estavam a águia e sua companheira esperando para voar com eles tão rápido e tão longe que ninguém poderia segui-los. Rosy e o saco de ouro foram colocados na mãe águia; Tom sentou-se montado no rei pássaro; e voaram para uma grande cidade, onde a menina e seu pai viveram felizes juntos por toda a vida.